

JOHN  
SANDFORD

A SOMBRA  
DA LUA



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

**Geraldo Jordão Pereira** (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para Benjamin Curtis:  
Feliz aniversário, 2007*

# 1

**SEIS SACOS GRANDES DE SERRAGEM** comprados à meia-noite no posto de auto-atendimento da marcenaria Dunstead & Daughter, “servindo às suas necessidades desde 1986”. Não havia câmeras de segurança, iluminação ou atendentes. Você pegava o produto, deixava o dinheiro e ia embora.

Lunar empilhou os sacos no porão, a música country martelando nos fones do iPod, a letra falando sobre lábios vermelhos. Em seguida, tirando os fones, correu escada acima, até onde o velho estava caído com o rosto virado para o tapete, sacudindo-se, chorando, tentando se soltar. Estava amarrado com uma corda barata, mas pouco importava. Era tão caquético e frágil que um barbante teria o mesmo efeito.

– Por favor – gemeu o velho –, não me machuque.

Lunar gargalhou, uma risada no estilo rock and roll, e disse:

– Não vou *machucar* você. Vou *matar*!

– O que você quer? Posso dizer onde está o dinheiro.

– Não é dinheiro. Eu já tenho o que quero.

Lunar passou a corda pelos tornozelos do velho e o arrastou pela escada do porão, o rosto do homem batendo em cada um dos degraus.

– Ah, meu Deus, me ajude! – As lágrimas escorriam pelo rosto ferido, pelos lábios machucados. – Deus do céu, me ajude!

*Bum! Bum! Bum!* Nove vezes.

– Deus não vai ajudar – disse Lunar.

O velho se acalmou por um instante, mas logo gritou:

– Ele vai mandar você para o inferno!

– Onde você acha que estou, velho?

– Seu...

– Cala a boca! Estou trabalhando.



Colocar o velho sobre os sacos foi a parte mais difícil. Lunar jogou-o de cara no saco que estava por cima e foi levantando as pernas dele. O homem era alto, porém frágil. Tinha 82 anos, era sedentário e estava quase senil, mas não a ponto de ignorar o que acontecia à sua volta. Começou a afundar na serragem, debatendo-se. Com muito esforço conseguiu suspender metade do corpo para

fora, mas despencou entre os sacos, lutou mais um pouco e então desistiu. A serragem aumentava o poder de combustão e não deixava resíduos. Ao menos era o que os fanáticos por incêndios criminosos diziam na internet.

Lunar estava ocupado com o primeiro galão de gasolina, derramando o líquido pelo porão, em volta dos sacos, encharcando o velho, as prateleiras de madeira, a bancada de trabalho pouco usada, a pilha de cadeiras velhas, e começou a subir a escada. O velho voltou a se debater. Ele gemia.

– Por favor!

Os primeiros respingos da gasolina tinham um cheiro agradável, semelhante ao odor que fica no ar ao abastecer um carro. Mas, naquele recinto fechado, os vapores de um galão inteiro tornaram a atmosfera sufocante.

– Não morra ainda! O fogo está chegando! – gritou Lunar, subindo de costas pela escada, derramando o líquido nos degraus. O segundo galão foi despejado de maneira cuidadosa pelo primeiro andar, encharcando os tapetes persas, espalhando-se sob o piano de cauda, escorrendo para baixo dos armários. Quando dois terços do combustível tinham sido derramados, Lunar recuou pela cozinha, onde estava o primeiro galão, agora vazio. Iria levá-los embora. Não havia sentido em deixar pistas de que o incêndio havia sido criminoso, ainda que a polícia logo fosse descobrir.

Uma chuva violenta batia nas janelas. A ideia inicial de Lunar era formar um rastro de gasolina até o quintal e atear fogo. Mas com o temporal seria difícil. A água espalharia a gasolina assim que ela fosse derramada. De modo que o fósforo teria de ser aceso dentro da casa. Havia um pequeno risco, já que o combustível tomava conta do lugar, penetrando em cada canto do ambiente.

À porta da cozinha, Lunar despejou a última gota de gasolina. Virou-se e olhou para o interior da residência. O lugar era enorme, luxuoso, e estava em péssimas condições. A faxineira ia duas vezes por semana, quando cozinhava e lavava roupa. Mas carpintaria, parte elétrica e hidráulica não estavam entre as atribuições dela e a casa precisava urgentemente de reparos, assim como de uma boa dedetização. Havia insetos no porão, morcegos no sótão e – o assassino pensou, dando uma gargalhada – um maluco na cozinha.

O velho gritou uma última vez, a voz abafada pelo som da chuva e do vento:

– Meu Deus, me ajude!

Era bom saber que ele ainda estava vivo. A experiência seria completa.

Lunar se dirigiu à varanda dos fundos, riscou um fósforo e colocou fogo na caixa. O papelão começou a arder em chamas e o homem ficou rindo, admirando o brilho intenso. Finalmente jogou a caixa no piso encharcado de gasolina da cozinha, virou-se e correu para a chuva.

O fogo correu até a poça de combustível, formando um brilho intenso, serpenteou até a sala, passou sob o piano – que já vivera dias melhores –, disparou para o outro lado, como se estivesse vivo, e desceu a escada do porão.

Os vapores no andar de baixo ainda não estavam concentrados a ponto de causar uma explosão. Cercado pelos sacos de serragem, o velho ouviu um ruído e logo sentiu o calor calcinante de um maçarico, que precisou de um segundo para causar aquela sensação e dois para matá-lo.

O espetáculo era só para ele.

## 2

### *Chegando na madrugada*

**A** CHUVA DESPENCAVA ACOMPANHADA DE RAIOS e trovões e Virgil Flowers dirigia para o oeste pela I-90, tentando manter a caminhonete na estrada, apesar do vento lateral. Deveria ter chegado a Bluestem antes de o tribunal fechar, mas teve uma reunião com um advogado de defesa em Mankato. O jovem, saído da faculdade há um mês e à frente de seu primeiro caso, não deixou nenhuma vírgula fora do lugar. Virgil não o culpava, afinal estava fazendo o melhor pelo cliente.

A arma tinha sido encontrada *naquela* lixeira, que *não* fora esvaziada antes da quarta-feira 30 de junho, ainda que normalmente o fosse às terças, mas o serviço havia sido adiado em razão do feriado do Memorial Day. O entregador de pizza tinha visto o réu no dia 29, e não 28, porque a pizzaria, patriota como qualquer estabelecimento italiano, não funcionava em feriados, então o entregador não havia ido trabalhar. Três horas de blá-blá-blá.

Eram cinco horas quando saiu do escritório do advogado, tarde demais para chegar a Bluestem a tempo de encontrar o tribunal aberto. Ele e Lannie McCoy, o promotor do caso, decidiram que era mais sensato comer um sanduíche e tomar cerveja num bar no centro da cidade.

Foi o que fizeram, e logo uns policiais apareceram e aquilo se transformou num agradável encontro com direito a nachos, cheesebúrgueres e cerveja. Uma policial era linda e, a certa altura, colocou a mão na coxa de Virgil. Não fosse a aliança dela, teria sido perfeito.

Uma triste balada country.



Virgil saiu do bar às seis e meia, foi para casa e colocou algumas roupas na máquina de lavar. Com o ruído da lavadora ao fundo, sentou-se numa cadeira de balanço no quarto e costurou o botão de um colete de fotógrafo. Sob a luz do abajur ao lado da cama, costurava e pensava na policial casada que tinha flertado com ele. Pensava na fidelidade e nas suas implicações e na encrenca que isso podia trazer.

Virgil sentia-se um pouco solitário. Gostava de mulheres e fazia um tempo que não saía com ninguém.

Quando terminou de costurar o colete, pendurou-o no armário de equipamentos – armas, arcos, material de pesca e de fotografia – e pegou uma espingarda e duas caixas de munição, colocando-as ao lado de uma bolsa de lona vazia. Metade da bolsa estava cheia com cuecas, meias, camisetas e três calças jeans. Enquanto a máquina de lavar trabalhava, entrou na internet, pois esperava o e-mail do editor de uma revista. Ele já deveria ter recebido a mensagem, mas nenhum sinal dela.

Abriu um artigo sobre a caça de perus-selvagens com arco que estava escrevendo, deu alguns retoques até a lavadora terminar o ciclo de centrifugação, desligou o computador, jogou as roupas molhadas na secadora e foi tirar um cochilo. O despertador acordou-o do sono. Depois de uma chuvaçada, ouviu a secadora parar de funcionar enquanto escovava os dentes. Sua noção de tempo era perfeita.

Tirou as roupas da secadora, dobrou-as, guardou algumas no armário e enfiou outras na bolsa de lona. Jogou-a na traseira da caminhonete, trancou a espingarda numa caixa de ferramentas, enfiou a pistola calibre 40 embaixo do banco da frente e 10 minutos depois das 10 horas da noite estava fora da cidade, indo para o sudoeste pela Autoestrada 60.

Uma hora depois de sair da cidade, viu as nuvens se aglomerando a oeste, com raios riscando o horizonte, enquanto a lua crescente ainda era perceptível no retrovisor. Chegou a Windon quando os primeiros ventos do temporal varriam a cidade, levantando pedaços de papel e folhas mortas. Depois de agosto, julho era o melhor mês para estar na pradaria. O ar começava a ter o cheiro dos grãos e da colheita que se anunciava.

Parou numa loja de conveniência para tomar café. O atendente cabeludo disse:

– Vai chover canivete!

– Não tenho dúvida – retrucou Virgil.

Aproveitou para fazer xixi e voltou para o carro enquanto os primeiros pingos grossos de chuva batiam no parabrisa. Pegou a I-90 em Worthington, tomou outra xícara de café e foi para o oeste.

*Para o Velho Oeste, pensou.*

O *verdadeiro* Velho Oeste. O Velho Oeste dos sioux, da pradaria alta e seca, da cordilheira, terra de cavalos e búfalos, começava em algum lugar entre Worthington e Bluestem. Quando chegou lá, a chuva já castigava seu carro. Mais um dilúvio no verão que batia o recorde de umidade.

Não havia muita iluminação naquele local tão distante, mas, com a tempestade, a I-90 se transformava num breu. Não era possível enxergar nada à frente e no retrovisor viam-se apenas manchas de faróis. Raramente um carro ou um caminhão passava no sentido oposto. Virgil grudou os olhos na linha branca do acostamento, tirou o pé do acelerador e rezou para não sair da estrada.

O rádio tocava uma música country. Mudou para uma estação de jazz, para outra de rock e voltou para o country.



Ao pensar no assunto mais tarde, não soube determinar o momento em que percebeu a luz.

Começou como um cisco no olho, acima do farol direito, atrás do paredão de água. Em seguida ganhou um aspecto mais realista e Virgil finalmente percebeu – e percebeu também que aquilo estava ali havia um tempo. A luz era brilhante, dourada e não se movia. Mais cinco quilômetros e não teve dúvidas: um incêndio. Enorme. Tinha visto alguns à noite, mas aquele estava no *céu*.

Como podia estar no céu e não se mover?

Passou por um viaduto. Quinhentos metros à direita, enxergou as luzes vermelhas da estação de rádio Jesus Cristo: uma torre de 150 metros – construída na parte baixa da pradaria – com luzes vermelhas que piscavam *Jesus*, depois se apagavam, depois *Cristo*, se apagavam de novo e, rapidamente, *JesusCristo JesusCristo JesusCristo*.

Virgil pensou que se aquela era a rádio Jesus Cristo, a luz não vinha do céu, e sim de 10 quilômetros à frente, ao norte de Bluestem e na montanha Búfalo: a casa de Bill Judd. A casa mais luxuosa num raio de 250 quilômetros estava queimando como um celeiro cheio de feno.

– Não é uma coisa que a gente vê toda noite – disse a Marta Gomez, que cantava “The Circle” no rádio do carro.

Pegou a saída da Autoestrada 75 com a chuva ainda forte e passou direto pelo Hotel Holiday Inn, seguindo em direção ao incêndio.



A montanha Búfalo era uma curiosidade geológica: um planalto de quartzito erguendo-se 100 metros acima da paisagem. O solo, rochoso para o cultivo,

preservara o manto original de pradaria e era o último terreno selvagem do condado de Stark.

No início dos anos 1960, segundo disseram a Virgil, Judd construiu a casa dele na encosta leste do monte, que mais tarde teve grande parte transformada num parque estadual. Judd morava sozinho lá em cima, desde a morte da esposa e a mudança do filho.

Ele era sexualmente predatório, ainda que não um predador sexual. Havia boatos de mulheres da região pulando a cerca, rumores de mulheres esquisitas vindas de cidades grandes e de cores e raças que não eram vistas normalmente na região. Boatos de orgias na madrugada e gritos no escuro. Boatos de um castelo de Drácula perdido no meio do nada.

São rumores que poderiam acompanhar qualquer homem rico que morasse sozinho, pensou Virgil, *e que ao mesmo tempo era odiado por todos.*



Judd começou a vida como advogado civil, representando os grandes comerciantes de grãos. Depois passou a atuar no mercado de matérias-primas, no ramo imobiliário e no setor bancário. Ganhou o primeiro milhão antes dos 30 anos.

No início da década de 1980, já rico, quando a maioria dos homens pensaria em se aposentar, ele começou a explorar o topinambo, também conhecido como girassol-batateiro. A planta foi apresentada aos fazendeiros como a grande maravilha da natureza: fonte de nutrientes como a batata, biocombustível como o etanol e, melhor de tudo, uma planta que se espalhava e crescia em qualquer lugar como erva daninha.

Poderia até ser uma maravilha, mas aquela novidade dos anos 1980 abraçada por Judd e vários outros funcionava no esquema de pirâmide, alavancado pelos mercados de commodities. Os fazendeiros plantavam o tubérculo e vendiam a outros fazendeiros, que o plantavam e vendiam a mais fazendeiros e, mais dia, menos dia, alguém em algum lugar iria transformá-lo em combustível.

O problema é que faltaram fazendeiros antes de o processo chegar aos produtores de combustível. No fim das contas, ele custaria mais de 50 dólares o barril para os fabricantes atingirem o ponto de equilíbrio, e no início dos anos 1980 o petróleo custava metade desse valor. Os fazendeiros que apostaram no girassol-batateiro perderam todo o cacife.

Judd, no entanto, ficou mais rico do que nunca.



E odiado por todo mundo.

Odiado a ponto de poder ser assassinado. Ninguém sabia o destino do dinheiro do girassol: Judd dizia que todo ele havia sido usado para fazer lobby, para que leis fossem aprovadas em St. Paul e Washington, para o projeto executivo e o planejamento arquitetônico de uma usina de etanol, e para os empréstimos. Mas a maioria achava que a grana tinha ido para ações especulativas e em seguida tomado o rumo de uma conta bancária qualquer, identificada provavelmente por um número, não por um nome.

O xerife do condado de Stark na época, um homem chamado Russell Copes, foi eleito com a promessa de colocar Judd atrás das grades. Além de não ter cumprido a palavra, em pouco tempo se mudou para Montana. O procurador-geral do estado tentou timidamente enquadrar Judd com base nas provas reunidas por Copes e houve um julgamento em St. Paul. O homem foi inocentado por um júri confuso e voltou para casa na montanha Búfalo.

Aquele era um mistério ainda maior do que o negócio do girassol-batateiro: por que Judd preferiu ficar?

O condado de Stark era uma região árida das Grandes Planícies, cuja população vinha diminuindo havia meio século. O inverno era insuportável e o verão era quente e seco. Em resumo: não havia qualquer atrativo para um homem rico.

E agora sua mansão estava pegando fogo.

Toda a cidade devia saber sobre o incêndio. Ainda que uma tempestade se aproximasse, 50 gatos-pingados estavam ali para olhar.

Quando soube que a montanha Búfalo se tornaria parque estadual, Judd doou 80 hectares de terreno, que foram superestimados e renderam um belo abatimento de imposto. Como parte do acordo, o estado abriu uma estrada até o topo do morro, onde foi construído um mirante, de modo que os turistas pudessem apreciar o rebanho de búfalos do parque. A entrada para a propriedade de Judd partia da estrada. Segundo os comentários dos moradores da região, ele conseguiu não apenas o abatimento do imposto pela terra infértil doada, como também que o estado fizesse a manutenção da entrada da propriedade, com direito a remoção de neve no inverno.

Virgil visitara o parque dezenas de vezes e, ao passar por uma fila de veículos no acostamento da Rodovia Estadual 8, teve a certeza de que não esquecera o caminho. Uma viatura da polícia bloqueava a estrada do parque que subia até o morro e vários curiosos aglomeravam-se ao redor. Ainda que estivesse a um quilômetro de distância, o incêndio tinha um aspecto assustador. Virgil passou de carro pelos curiosos e parou junto à viatura. Um policial com capa de chuva se aproximou. Virgil baixou o vidro e disse:

– Virgil Flowers, do Departamento de Detenção Criminal. O Stryker está lá em cima?

– Ei, ouvi dizer que você vinha – respondeu o policial. – Sou Little Curly. Sim, ele está lá em cima. Deixe-me tirar meu carro do caminho.

– E o Judd?

– Pelo que soube, ainda não o encontraram. A faxineira disse que ele estava em casa hoje à tarde. Ele já é muito velho e não dirige mais. Então, ainda pode estar lá – disse Little Curly, balançando a cabeça.

– O incêndio foi feio – observou Virgil.

– Parece mais o inferno – retrucou o policial. Em seguida voltou à viatura, sentou-se no banco do motorista e engatou a ré. Uma mulher com uma lata de cerveja na mão puxou o capuz de chuva para trás e espiou Virgil através da janela do carro dele. Era morena, de olhos escuros e bonita. Riu para ele e levantou o polegar da mão que estava livre. Virgil também riu, retribuiu o gesto, passou pelo carro de Little Curly e seguiu morro acima.

Ao chegar à casa, a primeira coisa que percebeu foi que os bombeiros não tentavam apagar o fogo. Não adiantava. A chuva evitava que o incêndio se espalhasse. Quando Little Curly o comparou ao inferno, não estava brincando. Jogar espuma na casa também não iria adiantar, pois seria um grande desperdício.

As viaturas da polícia estavam paradas atrás dos caminhões dos bombeiros e Virgil foi para o fim da fila. Tirou o cinto, ajoelhou-se no banco e pegou a capa de chuva no banco de trás. A roupa tinha sido especialmente feita para a temporada de pesca em outubro e para velejar pela Nova Inglaterra. Vestiu-a e saiu do carro.

O xerife se chamava Jim Stryker, a quem Virgil conhecia desde os tempos de escola, quando Stryker era o arremessador dos Bluestem Whippets. Mas ali naquela montanha todos eram anônimos de capa de chuva e Virgil teve de perguntar três vezes antes de achá-lo.



– É você, Jim?

Stryker se virou. Era um homem alto, de queixo quadrado, com cabelo louro e olhos verde-claros. Assim como a maioria dos homens da região, era queimado de sol e usava botas de caubói.

– É você, Virgil?

– Sim. O que aconteceu?

O xerife olhou rapidamente para o incêndio.

– Não sei. Eu estava em casa. Olhei pela janela e não vi nada. Então ouvi a

sirene, olhei pela janela e aí está o resultado. Um policial nosso estava fazendo a ronda na cidade e viu acontecer. Disse que simplesmente explodiu.

– E o Judd?

Stryker apontou para a casa.

– Posso estar errado, mas acredito que ele esteja aí dentro.

Perto do incêndio, parado junto aos bombeiros, um homem de capa segurando um guarda-chuva gesticulava com irritação. À luz das chamas Virgil via sua boca se mexer, mas não dava para ouvir o que ele dizia.

– É o Bill Judd Jr. – disse Stryker. – Está furioso porque não estão apagando o fogo.

– Nem os bombeiros de Nova York conseguiriam apagar esse aí – comentou Virgil. A chuva espalhava o calor, e o vento estava quente como o de um secador de cabelos, mesmo a 50 metros de distância. – Isso aqui está um forno!

– Diga isso ao Júnior.

O incêndio tinha um cheiro de queimado horrível: tecido, madeira velha, sinteco, óleo e tudo o que existe dentro de uma casa, e talvez carne humana. Olharam por mais uns instantes, sentindo o calor do fogo e a água batendo nos capuzes das capas de chuva, descendo pelas costas e pelo pescoço. Virgil perguntou:

– Acha que ele estava fumando na cama?

As feições de Stryker eram grosseiras à luz do fogo e os cantos da boca se curvaram para baixo ao ouvir a pergunta.

– Bill Parker, que mora em Lismore, vinha para a cidade pela Autoestrada 8. Ele viu o incêndio uns cinco minutos depois de ele começar. Uma picape passou por ele em sentido contrário. Ele acha que o carro estava a 140 por hora. E chovia muito. A picape pegou a entrada da Autoestrada 3, em direção à 90.

– Ele viu que tipo de picape era?

– Não. Nem tem certeza se era uma picape. Só conseguiu ver que os faróis estavam altos.

Os dois olharam mais um pouco o incêndio e então Virgil disse:

– Um monte de gente odiava o velho Judd.

– Eu sei. – Alguns moradores se aproximavam, rindo, escondendo as latas de cerveja. Stryker disse a eles: – Vocês aí, não atrapalhem!

Os dois assistiram por mais um minuto e Virgil bocejou.

– Bem, boa sorte, Jim. Estou indo para o Holiday Inn.

– Por que veio aqui em cima?

– Pura curiosidade. Vi o incêndio ao passar pela 90. Logo imaginei o que podia ser.

– É uma coisa horrível – disse o xerife, olhando as chamas. – Espero que o velho desgraçado tenha morrido antes de o incêndio atingi-lo. Ninguém merece morrer queimado.

– Se é que morreu!

– Se é que morreu? – Stryker franziu a testa e virou os olhos verdes para Virgil. – Você não acha que ele pode ter forjado isso, acha? E fugido para onde ele esconde o dinheiro?

– Acho que o dinheiro pode ser uma lenda. Acho mesmo. – Virgil deu um tapinha no ombro de Stryker. – Pega leve, Jim. Vejo você amanhã.

– Mas não muito cedo. Vou ficar aqui um tempo. – Enquanto Virgil se afastava, Stryker gritou: – Aquele dinheiro não era lenda, Virgil. Ele está queimando por causa da grana!

Atrás dele, próximo ao incêndio, Bill Judd Jr. ainda berrava com os bombeiros e parecia à beira de um ataque de nervos.



Era proibido fumar e se hospedar com animais no Holiday Inn, mas o quarto de Virgil fedia a fumaça, pelo molhado – cigarros no meio da noite e gatos escondidos na mala – e o desinfetante que a camareira borrifava para disfarçar o cheiro de fumaça e xixi de gato. Você tinha direito a duas camas, quer as tivesse pedido ou não. Virgil jogou a bolsa numa delas, tirou a capa de chuva e pendurou-a no chuveiro para secar.

Era um homem de estatura mediana, com cabelos louros, olhos cinza, um metro e oitenta e cinco, magro, ombros largos e braços compridos que terminavam em mãos enormes. O cabelo era comprido demais para um policial, mas não ia além dos ombros. Jogou futebol americano (na posição de recebedor), basquete (ala) e beisebol (base) na escola, e seu desempenho não deixava a desejar. Contudo, não era grande nem rápido o bastante para ser aceito no time de futebol da faculdade, sua altura o afastou do basquete e sua mira pouco precisa impediu seu acesso aos campos de beisebol.

Formou-se em ecologia, além de fazer o curso básico de redação criativa, porque era fácil, interessante e ele gostava de ficar ao ar livre, da natureza e das garotas da turma. Entrou para o exército depois da formatura, foi praticamente obrigado a fazer parte da polícia das forças armadas e teve alguns problemas, mas nunca disparou uma arma com raiva.

Voltou para casa, descobriu que o mercado não precisava muito de bacharéis em ecologia e logo entrou para a Academia de Polícia. Casou-se, divorciou-se, casou-se, divorciou-se, casou-se, divorciou-se e, no fim de cinco

anos de tolices, decidiu que não queria ser um fracassado pela quarta vez e parou de se casar.

Estava trabalhando como investigador para a prefeitura de St. Paul – oito anos de tédio na força policial – quando foi alocado em uma unidade do Departamento de Detenção Criminal (DDC) que investigava uma quadrilha de assaltantes de residências. Uma coisa levou a outra e ele foi transferido para o DDC. Conheceu um sujeito nomeado por questões políticas, Lucas Davenport, que lhe fez uma oferta irrecusável: “Você só vai pegar pedreira.”



Vinha encarando a “pedreira” havia três anos, sem falar da atividade de escritor nas horas vagas. Colaborava com diversas revistas que ainda publicavam material freelance, mas não poderia viver disso. Precisava de um emprego fixo, porém as publicações não pareciam andar bem das pernas.

De qualquer modo, não sabia se queria isso.

Davenport lhe dissera que bandidos inteligentes eram uma atividade mais interessante e ele às vezes concordava.



Virgil procurava seguir o estilo da pradaria: jeans desbotados, botas de caubói velhas e camisetas de bandas. Como era policial, jogava um blazer por cima. No verão, usava chapéu-panamá e óculos escuros. Não costumava carregar arma, a não ser quando estava em St. Paul, onde Davenport poderia vê-lo. As normas policiais o obrigavam a andar armado, mas, na opinião de Virgil, os revólveres eram pesados e desconfortáveis, por isso a arma dele ficava sempre embaixo do banco do carro ou dentro da pasta.

Depois de pendurar a capa de chuva no chuveiro, pegou o notebook na pasta e conectou-se à internet. Em seu e-mail pessoal encontrou a mensagem da *Black Horizon*, revista canadense de aventuras, que estava esperando havia alguns dias. Pelo visto, a redação estava trabalhando até tarde: “Virgil, tive de cortar uns infográficos de canoagem: não havia outro jeito, o problema era espaço. Tentei não resumir demais. De qualquer modo, só está bom para nós se estiver bom para você. Me diz o que acha e então eu ponho o cheque no correio.”

Ficou satisfeito. Era sua terceira matéria para a revista. Estava se tornando um colaborador frequente. Abriu o documento do Word em anexo e examinou a parte alterada.

Ótimo. Fechou o documento e mandou a resposta ao editor: “Obrigado, Henry. Está maravilhoso. Vou ficar de olho no cheque. Virgil.”

Assobiando, entrou no site do Serviço Nacional de Meteorologia, digitou o CEP de Bluestem e viu a previsão para a semana: tempestade esta noite – droga! – com céu limpo e tempo quente nos próximos três ou quatro dias e possibilidade de temporais durante a tarde. Entrou na seção de notícias do Google para ter certeza de que London não havia sofrido um atentado nuclear desde que ele deixara Mankato. Felizmente, não.

Desligou o computador, tirou a roupa, sacudiu o resto de água da capa de chuva, entrou no chuveiro, abriu a torneira quente até não aguentar mais... e então abriu mais um pouco. Quase escaldado, arrastou-se até a cama e pensou em Bill Judd assando como salsicha nas brasas da própria casa e numa picape se afastando a toda velocidade noite adentro. *Aquele* seria um assassinato interessante.



Pensou em Deus por um tempo, como fazia quase todas as noites.

Filho de um pastor presbiteriano e uma professora de engenharia que via em Deus o Grande Engenheiro e acreditava nisso tão piamente quanto o marido, Virgil sempre tinha se ajoelhado para rezar antes de se deitar até sua primeira noite no dormitório da Universidade de Minnesota. Envergonhado, não se ajoelhou, tremendo e se arrepiando de medo de que o mundo acabasse porque ele não havia feito suas orações.

Em poucos meses, assim como a maioria dos calouros, tinha deixado a religião para trás e andava pelo campus com um exemplar de *O estrangeiro* embaixo do braço, esperando impressionar as garotas com o cabelo comprido e os mistérios que precisavam ser solucionados.

Nunca mais se dedicou à religião, mas recuperou um pouco da fé. E ela voltou rápido, de uma vez, no dia em que jogava conversa fora no alojamento dos oficiais solteiros no exército, quando um dos recrutas se confessou ateu. Outro oficial, que Virgil não achava lá muito inteligente, se apressou em dizer:

– Ah, mas você está enganado! Veja todas as maravilhas do mundo. Há maravilhas até não poder mais!

Criado no campo, onde *havia* maravilhas, e formado em ecologia, ramo em que elas proliferavam, Virgil ficou perplexo ao ver como a afirmação daquele sujeito religioso meio ignorante era correta: *havia* maravilhas até não poder mais. Passou a acreditar que os ateus geralmente trabalhavam em cubículos feitos pelo homem, com direito a quadros-negros, computadores e fast-food. Não acreditavam em maravilhas porque simplesmente não as viam.

Assim, a fé de Virgil retornou, mas era uma fé estranha, em um Deus que o pai

dele não reconheceria. Virgil pensava em Deus quase toda noite, em Seu senso de humor e no fato de que fizera regras que nem mesmo Ele podia violar...

Então, à uma da madrugada, após pensar em Deus, caiu no sono e sonhou com homens sentados em quartos de hotéis, no escuro, fumando Marlboros escondidos, olhando seus gatos andarem pelo quarto como fantasmas.

### 3

#### *Manhã de terça-feira*

**A**VELHA CIDADE DE BLUESTEM, BATIZADA em homenagem a um capim da pradaria, ficava a cerca de dois quilômetros ao norte da I-90. Ao longo dos anos, a área entre a estrada e a velha cidade foi se enchendo com as famosas franquias: McDonald's, Subway, Pizza Hut, um Holiday Inn, um Comfort Inn, um Motel 6. Havia quatro ou cinco postos de gasolina com lojas de conveniência, uma concessionária da Ford e duas lojas de carros usados. Sem falar na meia dúzia de lojas de material agrícola e nas oficinas de caminhões, com pneus carecas empilhados do lado de fora e poças de lama da chuva da noite.

O centro histórico era a área mais bonita de Bluestem. Os bairros residenciais eram dominados por grandes casas do início do século XX, cada uma diferente da outra, com varandas e quintais com balanços. A parte comercial, na Main Street, abrangia quatro quarteirões, com prédios de tijolos amarelos de dois e três andares, com direito a um cinema anterior à Segunda Guerra Mundial ainda em funcionamento, e negócios que tinham sobrevivido à chegada do Wal-Mart: escritórios de advocacia, agências de seguros, dezenas de lojas de presentes e de antiquários, duas pequenas butiques, quatro restaurantes e uma farmácia.

O tribunal ficava a duas quadras da Main Street e ainda fazia as vezes de sede da Justiça. Na maioria das cidades pequenas, o poder judiciário foi mandado para fora do perímetro urbano, ocupando prédios envidraçados.



Virgil parou no estacionamento do tribunal, atravessou o memorial de guerra – 13 rapazes do condado de Stark morreram na Primeira e na Segunda Guerra Mundial, na Coreia, no Vietnã e no Iraque – e entrou no prédio, seguindo pelo corredor comprido até o escritório do xerife.

A secretária de Stryker era uma mulher pesada, cinquentona. Tinha um elaborado cabelo louro-pérola, repicado e com luzes, e dois palitos se projetavam por trás como espinhos de ouriço. Piscou para Virgil, deu uma olhada nos óculos escuros e na camiseta da Sheryl Crow com a estampa de uma carpa e perguntou à queima-roupa:

– Quem é você?

– Virgil Flowers, Departamento de Detenção Criminal.

Ela olhou-o de novo.

– Verdade?

– Sim.

– O xerife disse que era para você entrar quando chegasse. – A mulher fez um gesto para trás, apontando a porta com um painel superior de vidro fosco, onde estava escrito XERIFE JAMES J. STRYKER.

Virgil assentiu e já girava a maçaneta quando ela perguntou:

– Quantas vezes você atirou naquele homem em Fairmont?

Virgil fez uma pausa.

– Quatorze.

Ela pareceu satisfeita.

– Foi o que ouvi dizer. E não acertou o cara?

– Não era meu objetivo – respondeu Virgil, cansado daquele assunto.

– Dizem que ele estava atirando em você.

– Ah, ele não queria me machucar. Estava só gastando energia, irritado porque ia ser preso. Não era um mau sujeito, a não ser pelo fato de que assaltava postos de gasolina. Tinha oito filhos e uma mulher para sustentar.

– Esse então era o trabalho dele, não é?

– Mais ou menos. Agora ele vai fabricar pá de neve durante seis anos.

– É – disse ela. – Bom, a maioria dos garotos daqui teria atirado nele.

– Devem ser uns garotos insensíveis – respondeu Virgil, que não tinha gostado da mulher. E então entrou na sala de Stryker.



Stryker estava ao telefone. Virgil bateu e ele gritou:

– Entre. – Indicou uma cadeira enquanto dizia ao telefone: – Preciso desligar, mas, quando você achar uma unha do dedo do pé que seja, quero ficar sabendo.

– Ele desligou, balançou a cabeça e disse: – Não consigo achar o Judd.

Virgil se acomodou na cadeira.

– Não há nada na casa?

– Vou dizer uma coisa. A maioria das casas que eu conheço são decoradas

com objetos que resistem a um incêndio. – Stryker batucou os dedos na mesa, sinal de ansiedade. – A casa de Judd não, pois era toda de madeira: pisos, lambris, estantes. Boa parte era pinho, que é seco como palha. Não sobrou nada além do porão e de pedaços de metal e pedra. Geladeira, fogão, estufa: até essas coisas derreteram. Achemos que ele estava lá dentro. Mas não encontramos nada.

– Puxa.

– Vou dizer uma coisa, Virgil. Se não encontrarmos nada, isso vai me atormentar pelo resto da vida. E o resto do condado também. Não vamos ficar sabendo se ele virou fumaça ou se está escondido em alguma ilha paradisíaca. Quem garante que Bill Judd não estava dentro daquela picape ontem à noite, fugindo para as Índias Ocidentais?

– Meu Deus, Jim, o cara tinha quantos anos? Oitenta? Disseram no hotel que ele estava bem doente. Vivia internado no hospital. Por que diabos ele moraria aqui por 80 anos e fugiria para as Índias Ocidentais com os pés na cova?

– Provavelmente porque acharia engraçado sacanear todo mundo mais uma vez. – Stryker estava inquieto e murmurou: – Desgraçado! – Depois suspirou, olhou para duas volumosas pastas de papel na mesa e empurrou-as para Virgil. – Está aí. É tudo que temos. Também há um DVD com os arquivos, se quiser ler no computador.

– Certo. Mas faça um resumo para mim. O que conseguiu e o que está procurando agora?



Virgil não estava em Bluestem por causa de Bill Judd.

Estava por causa dos Gleason.

Russell Gleason fora médico durante 50 anos se aposentara havia 10. Ele e a mulher, Anna, moravam num bairro rico habitado por empresários e profissionais liberais numa colina acima do reservatório do rio Stark, dois quilômetros ao leste do centro e perto do Country Clube da cidade. Anna foi enfermeira durante a juventude e acabou eleita para o conselho do condado, no qual serviu durante seis mandatos e em seguida se aposentou. Tinham três filhos que tinham ido embora de Bluestem – dois para St. Paul e um para Sioux Falls.

O casal estava com mais de 80 anos e tinha boa saúde. Russell ainda jogava golfe diariamente no clube e Anna reunia-se sempre com as amigas. Tinham uma empregada, a imigrante mexicana ilegal Mayahuel Diaz, que era adorada por quase todo mundo que a conhecia e que trabalhava de segunda a sexta.

Três semanas e quatro dias antes de Virgil chegar à cidade, Russell jogava uma partida de golfe numa sexta à tarde quando sua diversão foi interrompida pela

chuva. Tomou umas bebidas com os colegas e depois se encontrou com a mulher. Foram jantar no Holiday Inn. No caminho de casa, pararam num posto de gasolina – o canhoto do cartão mostrava que eram nove e doze quando pagaram o combustível.

Às 11 horas daquela noite chuvosa uma vizinha obrigou o marido a ir até a cidade comprar leite. Quando passava diante da casa de Gleason, o homem viu o que parecia uma escultura estranha, como um manequim ou um espantalho, no quintal dos fundos da residência, sob as luzes do quintal.

Comprou o leite, voltou colina acima, passou de carro pela casa dos Gleason, viu o espantalho ou o que quer que fosse, entrou na garagem e disse: “Caramba, aquele espantalho era meio estranho.” Resolveu dar meia-volta e perguntar se estava tudo bem.

Não estava.

O espantalho era Russell Gleason, apoiado numa estaca de madeira e com os olhos perfurados a bala.



Os tiros foram disparados dentro da casa. Anna foi morta no sofá da sala: um projétil no coração. Russell levou três: um nas costas, na região da lombar, e um em cada olho. O corpo dele foi arrastado para fora e apoiado na estaca, com a boca aberta e as órbitas vazias encarando a escuridão.

– Parece que ele tentou correr, mas não conseguiu – disse Stryker. – A sequência foi: ele estava de pé e Anna, sentada. O assassino disparou contra a mulher e, quando Russell se virou para correr, atirou nas costas dele, que caiu na sala de jantar.

– Que distância ele percorreu?

– Uns três passos. Vou lhe dar a chave da casa quando sairmos. Temos duas, é claro. A sala de jantar é ligada à de estar e parece que ele levou o tiro quando entrava na primeira. Caiu e virou de costas. O assassino parou junto dele e atirou duas vezes, uma em cada olho. Uma coisa horrível.

As balas, calibre 357 e de ponta oca, atravessaram a cabeça de Gleason e se alojaram no piso, de onde os fragmentos foram retirados.

– O tiro nos olhos, o fato de colocá-lo de pé no quintal sob as luzes... parece algum tipo de ritual – disse Virgil.

– Parece alguma coisa, mas não sei o quê. – Stryker balançou a cabeça. – O segundo tiro foi munição jogada fora. E o atirador correu um grande risco: a casa dos Gleason fica a 100 metros da do vizinho mais próximo. Sorte que chovia e as casas estavam fechadas e com o ar-condicionado ligado. Ainda

assim, uma .357 faz um barulho enorme. Se alguém estivesse passando... O terceiro tiro foi desnecessário!

– Já vi isso antes. O nome disso é empolgação! O sujeito puxa o gatilho e não consegue parar.

– Um em cada olho? Ele precisou de um tempo. Quero dizer, o cara disparou a 60 centímetros de distância, de cima para baixo, mas mesmo assim é preciso paciência para acertar o olho.

– Então ele é pirado! É um ritual, uma vingança. Quem sabe um aviso? Stryker suspirou.

– O que a situação toda sugere, quando a gente pensa bem, é que foi alguém daqui, que todos nós conhecemos. Alguém que foi àquela casa específica, naquela hora específica, para a matança. Alguém que eles deixaram entrar. Não havia sinal de arrombamento na porta da frente. A mão de Anna estava perto de um copo d'água, numa mesinha de canto, como se ela estivesse sentada havia um tempo.

– Estava escuro?

– Provavelmente. Não há como saber com exatidão, mas eles estavam com as roupas que usaram durante o dia. Russell ainda usava a calça de golfe. Assim, o crime ocorreu em algum momento entre a parada no posto, às nove e doze... mas vamos dar uns cinco minutos para cheguem em casa... e eles trocarem de roupa para dormir.

– Ninguém viu nenhum carro?

– Não. Acho que o assassino... desconfio de que seja um único sujeito... subiu pelo rio Stark a pé e depois deu a volta até a frente da casa. Se ficasse na margem do rio, ninguém iria vê-lo, claro! Numa noite escura, um cara que conhecesse a área poderia andar até o centro da cidade sem ser visto.

– Então diga o que você acha – pediu Virgil. – Quem fez isso? Qual é seu palpite?

Stryker balançou a cabeça.

– Não sei. Isso não combina com a região. Sei que tem muita gente ressentida em Bluestem, mas esse crime foi violento demais!

– Certo. Me dê o resto do dia para olhar essa papelada e falo com você à noite. Estou no hotel. Você tem o número do meu celular.

– Pegue a chave na saída. Depois que tiver visto a casa, vou entregá-la para os filhos do casal. Eles querem que ela seja limpa e posta à venda.

– Ninguém mexeu lá?

– Nós examinamos, mas não tiramos nada. Tudo continua lá, talvez um pouco desarrumado.

## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
ou siga-nos no Twitter @editoraarqueiro.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá  
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,  
escreva para [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
ou mande uma mensagem para o Twitter @editoraarqueiro.

EDITORA ARQUEIRO  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)